

“AS LÍNGUAS FAZEM-NOS SER”:
SUPERDIVERSIDADE E LETRAMENTO
ESCOLAR EM CENÁRIO TRANSFRONTEIRIÇO

Neiva Maria Jung

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o que constitui a paisagem linguística do cenário fronteiriço Brasil, Paraguai, Argentina e os entrelaçamentos dessa paisagem com o letramento escolar. Além do multilinguismo próprio desse cenário, dado pela presença do português, espanhol e guarani, há outras línguas dos vários grupos imigrantes, como árabes e coreanos na cidade de Foz Iguaçu. No entanto, permanece, no Brasil, uma noção idealística de sermos um país monolíngue em português (BAGNO, 2013; FARACO, 2008), e exames nacionais apontam para índices bastante baixos dos nossos alunos, na Educação Básica. Pretende-se, então, apreender as práticas letradas nesse cenário emergente e marginalizado, focado pelas políticas públicas brasileiras. De acordo com Street (2014), precisamos não só de modelos culturais de letramento, mas de modelos ideológicos, uma vez que todos os usos e significados de letramento envolvem lutas em prol de identidades particulares contra identidades frequentemente impostas. A partir desse pressuposto epistemológico dos Novos Estudos sobre Letramento (STREET, 2010; HEATH, 1983; BARTON; HAMILTON, 2000; KLEIMAN, 1995), quais identidades são impostas no contexto escolar? O que constitui a paisagem linguística da fronteira e o que ela reflete da vida das pessoas que fazem e vivem a fronteira? Para responder a essas perguntas, foram gerados dados em um colégio público brasileiro, da cidade de Foz do Iguaçu, e coletado material escrito nas três cidades da tríplice fronteira.

LETRAMENTO E SUPERDIVERSIDADE

Um grupo de pesquisadores britânicos vem reconhecendo a nova ordem comunicativa (RAMPTON, 2006) em termos de superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT e RAMPTON, 2011), ou seja, reconhecem diversidade dentro da diversidade. De acordo com Bloomaert e Rampton (2011), as novas diásporas que ocorreram nas últimas décadas – resultantes de um grande aumento de diferentes grupos de migrantes, não somente em termos de nacionalidade, etnicidade, linguagem e religião, mas em termos de razões, padrões e itinerários de migração, processos de inserção no trabalho e de acolhimento nos mercados imobiliários das sociedades e assim por diante – modificaram a face do multiculturalismo. Realidades ou contextos antes descritos dentro de um paradigma de minorias étnicas, gradualmente foram sendo reconhecidos em termos de superdiversidade resultante do uso de línguas, de suas variedades, reconhecidas por pesquisadores, como Canagarajah (2013) e Cavalcanti (2014), como línguas, de estilos dos falantes, dos gêneros, em práticas sociais situadas.

Em termos de letramento, Canagarajah reconhece a translinguagem, antes reconhecida em um paradigma de “misturas de línguas”, de hibridismo, mas que, segundo argumenta, são práticas muito presentes no nosso dia a dia e que precisam ser reconhecidas e legitimadas. O falante, por meio do seu repertório linguístico, atua, cria, representa usos linguísticos em práticas sociais situadas. Dentro desse pressuposto ontológico, a ideia de língua, associada à nação, precisa ser reconhecida como um artefato ideológico, construído historicamente na emergência dos estados-nação, no século XIX, e que tem um grande poder e opera com um maior ingrediente, o fortalecimento pelo aparato do Estado.

A escrita ainda continua sendo reconhecida muitas vezes como superior à fala, como um artefato da burocracia, como autônoma, ou seja, fortemente associado à teoria da grande divisa entre oralidade e escrita (GOODY e WATT, 2003) e aos seus “pressupostos epistemológicos que fundamentam as alegações em torno da superioridade ‘ocidental’” (STREET, 2014, p. 165), em relação às sociedades não ocidentais. A divisa estabelece a concepção de oralidade como dependente do contexto, em oposição à autonomia e ao pensamento analítico da escrita, a mudança de uma mentalidade pré-lógica para uma lógica, a distinção entre mito e história, o florescimento da ciência, da objetividade, do pensamento crítico e da abstração.

É considerando a organização da experiência e da ação humanas que os Novos Estudos do Letramento apresentam uma abordagem alternativa de letramento, reconhecendo os usos socioculturais da escrita, ou dos escritos, a oralidade e escrita como constituintes das práticas sociais e, especialmente, as questões ideológicas presentes não só no conteúdo dos escritos, mas na forma e nas razões pelas quais esses escritos são veiculados, “ensinados”, nas manipulações de formas letradas e na insistência da falta de ambiguidade como o “verdadeiro” caráter e sentido do letramento (conforme teoria do signo linguístico de Saussure). Para tanto, Street defende “as práticas letradas inextricavelmente ligadas a estruturas culturais e de poder numa dada sociedade.” (p. 172), o que define como modelo ideológico de letramento.

Dentro desses pressupostos epistemológicos, queremos neste artigo compreender o tipo de práticas e relações com a língua em práticas letradas escolares em uma escola inserida no cenário transfronteiriço.

“AS LÍNGUAS FAZEM-NOS SER”: A SUPERDIVERSIDADE NA ESCOLA E NA PAISAGEM LINGUÍSTICA

No letramento escolar, ainda há, por um lado, práticas de letramento autônomas, resultantes de algumas “camisas de força”, como o currículo, os livros didáticos, as avaliações em larga escala, que significam enormes conflitos para o professor de língua que não consegue ver contemplada a cultura e as identidades locais nas práticas escolares hegemônicas resultantes dessas orientações nacionais.

Por outro lado, há propostas nacionais de trabalhar a diversidade na escola por meio de projetos multidisciplinares, como o que ocorreu na escola observada “Cultura indígena: um olhar sobre o não índio”, e projetos financiados pelos órgãos públicos, como o projeto *Observatório de Educação: Núcleo de Pesquisa/Extensão – Formação Continuada em Leitura, Escrita e Oralidade*, bem como o projeto *Juventude e dramas de moralidade: dissonâncias nas práticas de leitura e de escrita em uma escola de periferia em Foz do Iguaçu*, coordenado pelas professoras da Unioeste Maria Elena Pires Santos e Regina Coeli Machado e Silva respectivamente, e que tiveram como objetivo melhorar os índices oficiais dos alunos (ver artigo de PIRES-SANTOS *et al*, 2015). Nessas práticas, os alunos participam, são protagonistas do seu saber, articulam e dialogam com diferentes discursos, evidenciando fronteiras diversas como as fronteiras entre grupos sociais, do saber.

Quando a pauta da diversidade é apresentada pelos alunos, como em seus textos, conforme mostra texto de Vanderlei a seguir, esta nem sempre se torna pauta em termos de ensino, ou seja, muitas vezes é um saber que não é legitimado pela escola. Vanderlei está no sexto ano e, além da escolha e das razões da escolha de sua profissão, evidencia a mobilidade da fronteira, discursos que se movem com essa mobilidade. O texto também apresenta uma prática de translinguagem.

Eu quero ser técnico de computação

Eu quero ser técnico de computador porque gosto de computador y é meu sonho.

Até eu tinha dúvida do que queria ser, não sabia se queria ser técnico de computador ou professor.

Até a minha família mudar para o Brasil. Eu pesquisei como era a vida do professor e vi que se eu fosse professor poderia me ajepender no futuro.

Um dia na minha antiga escola foi doado um computador caro, era uma escola pobre e o computador só podia ser usado por um só aluno e naquele dia eu fui escolhido para observar um senhor que era técnico de computador y daí adiante eu comecei a gostar de computação e por isso quero ser técnico de computador y fazer a minha faculdade de informática y fim.

Embora seja uma prática de translinguagem, há poucos traços do espanhol no texto, a maioria é elemento de ligação, ou seja, o aluno já passou provavelmente por um “processo de higienização” do seu texto, no sentido de que este deve ser escrito em português.

Esse dado mostra que Vanderlei apresenta a dinâmica da fronteira em seu texto, textualizando não somente a tríplice fronteira e os significados simbólicos de mudança de um país para o outro, mas também outras fronteiras, como aquela que o separa da profissão escolhida, técnico de computador, outra fronteira aparece no significado e na valorização das duas profissões – professor e técnico em computador – nos dois países. São questões de identidade e de poder que o aluno traz para uma prática letrada pedagógica e que mereceriam se tornar pauta do ensino e da aprendizagem, a fim de legitimar identidades locais e não identidades hegemônicas como ocorre muitas vezes em práticas que utilizam livros didáticos.

Esse dado mostra que a superdiversidade está na escola, assim como está na paisagem linguística de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad del Este. No Brasil, circulam basicamente textos em português, mas há textos em

inglês para o turista, e para o comprador do Paraguai, textos “misturados”. Além disso, há, no lado brasileiro, práticas translíngues comuns, como as relacionadas ao câmbio das quatro moedas, não restritas às inúmeras casas de câmbio, que ocorrem nos supermercados locais, no momento do pagamento, o caixa apresenta o valor total da compra em quatro moedas, real, peso, guarani e dólar. No lado do Paraguai, em *Ciudad del Este*, circulam muitos textos em português e muitos textos misturados, que buscam o consumidor brasileiro, como um fly com a bandeira brasileira e a inscrição ao centro do dizer “*Precios em Reales*”. No lado da Argentina, circulam textos em português e espanhol, mas não voltados para o consumidor brasileiro, mas para os locais e para os turistas do mundo todo que visitam a cidade. Todavia, toda essa cultura letrada e as questões culturais, sociais e ideológicas presentes nessa cultura ainda continuam bastante invisíveis na escola.

Nesse sentido, as questões que permanecem para nós são: como trabalhar essa superdiversidade constituinte desse cenário fronteiriço e da escola para além de projetos específicos de diversidade? Como ampliar o trabalho dos projetos a fim de possibilitar ao aluno reconhecer-se em sua cultura e na cultura do outro, um outro ao mesmo tempo tão próximo e tão distante, levando-o a fazer-se ser na escola por meio das línguas do cenário, como tão bem coloca Mia Couto no trecho do ensaio “Línguas que não sabemos que sabíamos. ”?

As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas “servem”. Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser. Outras, como no caso do homem que adormecia em história a sua mulher, elas fazem-nos deixar de ser. Nascemos e morremos naquilo que falamos, estamos condenados à linguagem mesmo depois de perdermos o corpo. Mesmo os que nunca nasceram, mesmo esses existem em nós como desejo de palavra e como saudade de um silêncio. (Mia Couto, 2011, p. 13-14)

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. (2013). *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo/SP: Parábola.
- BLOMMAERT, J. & RAMPTON, B. Language and Superdiversity. A position paper. Working Papers in Urban Language and Literacies, Paper 70. London: Tilburg University and King's College, 2011.
- CANAGARAJAH, S. (2013) *Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*. USA and Canada: Routledge.
- COUTO, M. (2011) *E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FARACO, C. A. (2008). *Norma culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola.
- GOODY, J. & WATT, I. (2003). Las consecuencias de la cultura escrita. In: Jack Goody (Org.) *Cultura escrita em sociedades tradicionais*. Trad. Gloria Vitale e Patricia Willson. (pp. 39-82). Barcelona: Gedisa.
- HEATH, S. B. (1983). *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KLEIMAN, A. (org.). (1995). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- PIRES-SANTOS, Maria Elena, Mariangela G. LUNARDELLI, Neiva M. JUNG & Regina C. MACHADO E SILVA. (2015). “Vendo o que não se enxergava”: condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar. *Delta n.31 Especial 2015*. RAMPTON, Ben. (2006). *Language in late modernity: Interaction in an urban school*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STREET, B. (2010). Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Orgs.). *Cultura, escrita e letramento*. (pp. 33-53). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- STREET, B. (2014). *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola.
- VERTOVEC, S. (2007). Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, 30 (6) pp. 1024-1054. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01419870701599465>. Acesso em: Julho de 2010.